

As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas/1896 a Londres/1948 nas páginas do *Jornal do Brasil*¹

Fausto AMARO²
Filipe MOSTARO³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Nesse artigo, analisamos a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos desde 1896 até 1948. Para isso, recorreremos à narrativa do *Jornal do Brasil* e contextualizamos as Olimpíadas com base em sua história e na evolução da transmissão midiática. Voltamos nosso olhar para os discursos associados às celebrações inaugurais dos Jogos, atentando para os encadeamentos narrativos que são estabelecidos e que colaboram para a construção da memória factual e repercutem a magnitude do evento em si.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; megaevento; esportes; narrativa jornalística.

Introdução

Pierre Bourdieu é um dos muitos autores que sugere um olhar mais detido às cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos, uma vez que esses momentos constituem etapas rituais centrais para compreensão do evento maior. Em suas palavras: “Para compreender esse processo de transmutação simbólica [competição universalista com fortes traços nacionalistas] seria preciso primeiro analisar a construção social do espetáculo olímpico, das próprias competições, mas também de todas as manifestações de que elas são cercadas, como os desfiles de abertura e de encerramento” (BOURDIEU, 1997, p. 124).

Dito isso, o presente artigo realiza um panorama crítico sobre as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Verão. Analisaremos como estas cerimônias se constituíram em eventos de grande porte no decurso das edições do megaevento olímpico. Tal crescimento ocorreu concomitantemente à evolução do interesse dos meios de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PPGCom da Uerj. Mestre pela mesma instituição, com apoio da Capes; pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj) e membro do grupo “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq. Email: faustoarp@hotmail.com. Endereço Eletrônico: www.comunicacaoesporte.com

³ Mestrando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FACHA-IGEC (2012). Membro do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq, e pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: filipemostaro@hotmail.com.

comunicação pelos Jogos. Não é possível entender este fato social sem a midiatização que o permeia. O *corpus* de investigação compreendeu todas as edições do *Jornal do Brasil (JB)* entre o segundo dia anterior e o segundo dia posterior à data da cerimônia de abertura das edições compreendidas entre os anos de 1896 e 1948. Optamos por direcionar nosso olhar aos Jogos até a primeira metade do século XX, pois trata-se de um momento propício para verificarmos a construção das tradições ligadas às cerimônias de abertura e entendermos o papel da mídia nesse processo.

Para elucidar nosso argumento elaboramos, na primeira parte desse artigo, um conciso relato da transformação dos próprios Jogos Olímpicos Modernos, desde a idealização de Pierre de Coubertin em recuperar o legado grego até os Jogos como produto de mídia na virada do século XX para o XXI. Em seguida, buscamos uma reflexão teórica que desse conta das Olimpíadas enquanto um megaevento de repercussão mundial, salientando a importância da mídia. Por fim, na análise do *corpus*, concentramos nossos esforços nos discursos associados às celebrações inaugurais dos Jogos, atentando para os encadeamentos narrativos que são estabelecidos e que colaboram para a construção da memória factual. Ao longo do texto, procuramos inserir também o discurso oficial, ou seja, trechos de documentos elaborados pelo próprio Comitê Olímpico Internacional (COI).

Entre a tradição e a modernidade: breve história dos Jogos

O século XVIII foi notabilizado por três revoluções que afetaram sobremaneira a sociedade europeia e mundial: o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. O esporte moderno se associa aos valores que fizeram emergir a Revolução Industrial, dentre eles: a velocidade, a racionalização, o controle do tempo, a universalização das regras (PIVATO, 1994, p. 22-27). Se, por um lado o esporte era fruto da modernidade, “sinônimo de progresso, velocidade e perfeccionismo” (Ibid., p. 27), por outro, sua modernização, com a organização em grande escala, causaria a perda do elemento lúdico, tal como sentenciou Johan Huizinga (1938), após ter presenciado os Jogos de Berlim/1936.

Atrelada à criação dos esportes modernos está a revalorização do legado grego, que se iniciou no século XV, durante o Renascimento, e atingiu seu ápice justamente com a reedição das Olimpíadas. No plano ideológico, a intenção era recuperar a herança clássica, potencializada talvez por certa dose de nostalgia. A primeira Carta Olímpica, datada de 1908, deixa isso explícito no tópico “Objetivo”:

O Comitê Olímpico Internacional, ao qual o Congresso Internacional de Paris confiou a missão de assegurar o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos,

solenemente reestabelecido em 24 junho de 1894, propõe: 1º: assegurar a celebração regular dos Jogos; - 2º: fazer esta festa a mais perfeita, *digna de seu glorioso passado* e coerente às ideias elevadas que inspiraram seus renovadores; - 3º: estimular ou organizar todos os eventos e, em geral, tomar todas as medidas para orientar o atletismo moderno de formas desejáveis. (grifos nossos)⁴

O francês Pierre de Freddy, conhecido simplesmente por Barão de Coubertin, era um dos admiradores das Olimpíadas Antigas e, por isso, acalentava o desejo de recriar as tradições gregas como parte das festividades da virada do século XX. A derrota francesa na guerra franco-prussiana, em 1870, pode ser vista como um impulso para Coubertin pôr em prática sua ideia, pois julgava que a ausência de uma cultura físico-esportiva prejudicava sua pátria. O movimento olímpico moderno surge impregnado de valores provenientes da nobreza (cavalheirismo, amadorismo, *fair play*), mas gradualmente o esporte adquire um caráter popular e menos aristocrático. Bourdieu, nesse sentido, salienta que o “primeiro comitê olímpico contava com não sei quantos duques, condes e lordes, e todos de nobreza antiga” (1983, p. 142).

Logo nas primeiras edições dos Jogos Modernos uma série de tradições foi inventada visando à abertura do evento. Em Estocolmo, 1912, aconteceu o primeiro desfile das delegações nacionais. Em 1920, na Antuérpia, foi apresentada a bandeira olímpica, criada pelo próprio Coubertin, com os anéis olímpicos, que representam os cinco continentes unidos; no mesmo ano, Victor Boin, esgrimista belga, pronunciava o solene juramento olímpico. Em Amsterdã, 1928, os organizadores instituíram o momento de acendimento da chama olímpica. Tal tradição trouxe um novo episódio para a cerimônia de abertura: o acendimento da pira olímpica. Em 1936 (Berlim), teve início o revezamento da tocha, que percorria o caminho de Olímpia (Grécia) até a cidade-sede. Após o acendimento, a chama da tocha de revezamento inicia seu percurso no Estádio Olímpico de Atenas, lembrando os criadores dos Jogos da Antiguidade, até inflamar a pira olímpica da cidade-sede.

Nessa primeira fase, as Olimpíadas foram prejudicadas pela frágil organização e pela baixa adesão dos países. Eram um evento menor no calendário mundial e ainda não atraíam grandes públicos nem participantes – em 1896, foram apenas 14 países e 241 atletas⁵. Por isso, as edições de 1900 e 1904 foram realizadas concomitantemente às Exposições Universais. Não havia ainda sequer uma preocupação com alojamentos para os esportistas. Na edição de 1924, em Paris, eles foram acomodados em barracas nas cercanias

⁴ Tradução nossa do excerto disponível no seguinte endereço: <http://www.olympic.org/Documents/Olympic%20Charter/Olympic_Charter_through_time/1908-Charte_Olympique.pdf>.

⁵ Dados do COI. Fonte: <<http://www.olympic.org/athens-1896-summer-olympics>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

das áreas de competição. Pivato (1994, p. 58) assume que somente a partir de 1912, em Estocolmo (Suécia), os Jogos adquiriram verdadeira notoriedade, tanto em termos de espectadores como de atletas e nações participantes. Gilmar Mascarenhas, no entanto, aponta que até 1932 os “Jogos Olímpicos deixaram poucos vestígios na paisagem urbana, devido ao amadorismo reinante” (2011, p. 28).

Após 1932, o cenário começa a assemelhar-se mais ao que presenciamos hoje, isto é, os Jogos exercem impactos profundos no cotidiano do país anfitrião e a repercute globalmente. Los Angeles utilizou-se dos Jogos para superar os efeitos da crise de 1929, que abalara a economia norte-americana e mundial. Nessa edição, também foi construído o primeiro complexo habitacional para os atletas – conhecidos hoje como vilas olímpicas. No rastro dessa tradição, e buscando sobrepujá-la, Berlim, sob a tutela nazista, instalou, na própria Vila, “alguns equipamentos específicos para os atletas” (cf. MASCARENHAS, 2011, p. 29). Os Jogos na Alemanha ficaram marcados pelo arrefecimento do caráter nacionalista inerente às disputas esportivas (cf. HOBBSAWM, 2004, p. 171) e pelos inúmeros pequenos acréscimos ritualísticos, como o revezamento da tocha, a criação de um sino e o depósito da bandeira olímpica em um cofre na cidade-sede (*JB*, Notas Desportivas, 24/10/1936 s/p). É importante lembrar que, em 1916, devido à 1ª Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, devido à 2ª Guerra, os Jogos sofreram interrupções.

Desde Londres/1948, há um crescimento na cobertura midiática, mas, em contrapartida, as tensões políticas reverberavam cada vez mais no campo esportivo. No período da Guerra Fria, apesar da expansão quantitativa de países participantes, os propósitos pacíficos do olimpismo foram postos em cheque – de encontro esportivo entre nações, os Jogos acirravam naquele momento a disputa pela supremacia (bélica, cultural, econômica) entre as duas potências emergidas da 2ª Grande Guerra (EUA e URSS). Nos Jogos de 1980, em Moscou, os EUA, juntamente com 61 outros países, boicotaram a competição, em represália a permanência das tropas soviéticas no Afeganistão. O revide veio logo na edição seguinte, em Los Angeles (EUA), quando 16 nações, principalmente do bloco soviético, decidiram não participar dos Jogos.

A partir década de 1970, tem-se o patrocínio estatal dos atletas, principalmente na URSS, o que funcionou como uma brecha para o profissionalismo dos mesmos sem o perigo de sofrerem sanções, afinal eram funcionários públicos. Justamente em Munique/1972 *Waldi*, a primeira mascote olímpica, foi um verdadeiro sucesso em termos comerciais. Na década seguinte, sob os auspícios do neoliberalismo econômico, surgem e se

disseminam os patrocínios privados aos desportistas, bem como as parcerias público-privadas, visando a construção do mobiliário urbano para os Jogos (cf. MASCARENHAS, 2011, p. 32-36). Conjuntamente, a influência da mídia e os avanços tecnológicos na cobertura eram cada vez mais perceptíveis.

Durante esse processo, as cerimônias de abertura também se transmutaram em algo muito maior do que “apenas” um desfile dos atletas perante o público e as autoridades presentes no estádio. Eram cada vez mais acontecimentos teatralizados, cujos atores buscavam entreter todos os espectadores (tanto no estádio, quanto via TV, rádio, internet e quaisquer outros meios de recepção audiovisuais), e, em última instância, divulgar a magnitude do evento e a pujança do país que viabilizava a festa. Nesse novo contexto, os atletas em marcha tornam-se mais um elemento dentre os vários que disputam a atenção da plateia global.

O megaevento olímpico: mídia e espetacularização

Como vimos, no decurso de suas edições, as Olimpíadas ganharam a magnitude pretendida pelo projeto inicial de Coubertin, ao custo da perda de alguns dos valores e ideais simbólicos que possuíam em sua fundação. Os Jogos Olímpicos hoje, segundo Gilmar Mascarenhas e outros, estão resumidos na seguinte equação simplificada:

Produce-se um caudaloso investimento discursivo, consubstanciado numa retórica conjugada à articulação de interesses públicos e privados, que alinha países e cidades de todo planeta na disputa pela obtenção do direito de sediar megaeventos esportivos, tomados como alavanca para a dinamização da economia local e redefinição da imagem da cidade e/ou país no competitivo cenário mundial (MASCARENHAS et al, 2011, p. 18, grifos nossos).

O trecho acima contém elementos fundamentais para a compreensão dos Jogos Olímpicos enquanto megaeventos: o papel da imprensa na definição dos fatos, o processo competitivo entre as cidades postulantes a sede, a projeção de imagem pública ambicionada pelo país anfitrião e o legado. Ao ampliarem sua dimensão, os Jogos redimensionam suas potencialidades e o nível de demanda exigido dos locais que abrigam as competições. Ao deixar de ser apenas mais um evento no calendário mundial, o que como vimos se desenrola ainda na primeira metade do século XX, as Olimpíadas adentram a seara dos “mega” acontecimentos, o que produz impactos sensíveis no ambiente citadino.

Poderíamos simplesmente definir as Olimpíadas como mais um fato exemplar da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), contudo acreditamos ser mais proveitoso adentrar por suas significações simbólicas e materiais que extrapolam a noção de

espetáculo. Em um sentido ampliado, os megaeventos são explorados por Ricardo Freitas enquanto um “fato social midiático” (2011, p. 9), estendendo a reflexão primordial de Émile Durkheim, segundo a qual temos três elementos básicos na configuração de padrões sociais: coercitividade, exterioridade e generalidade.

Freitas salienta, assim, a importância da mídia para a projeção discursiva dos relatos: “os impulsos coercitivos de um megaevento acabam sendo suas próprias reverberações que acontecem em geral na mídia” (2011, p. 9). Ato contínuo, ele postula que tal explicação pode ser utilizada para outros megaeventos, como a Fórmula 1, as Paradas Gay e o Carnaval (FREITAS, 2011, p. 10). Por certo, os Jogos Olímpicos encontram respaldo na colocação teórica de Freitas. Este megaevento esportivo ocorre e é experienciado por meio da mediação exercida pelas diferentes redes articuladas em torno dos meios de comunicação.

Bourdieu (1997) também reconhece o impacto dos meios de comunicação ao propor um entendimento dos Jogos Olímpicos como uma “construção social em dois níveis”. Nesse sistema, o evento real, composto por atletas, dirigentes, médicos, árbitros, voluntários nos estádios, é transformado em discurso pelos agentes midiáticos (jornalistas, operadores de câmera, comentaristas), que transmitem uma representação do espetáculo aos espectadores e leitores. O evento “ao vivo”, porém, ainda me parece ser o grande atrativo para o espectador (cf RIAL, 2003), que atualmente pode ter acesso a esse conteúdo via TV, rádio, internet e outros meios, o que até 1932 (Los Angeles) era exclusivamente transmitido por rádio e lido *a posteriori* em jornais. Em outras palavras, a ubiquidade midiática das competições esportivas e cerimônias olímpicas não tornou a representação ao vivo menos atrativa: “O esporte, assim, prescinde do espaço – mas não do tempo” (Ibid., p. 68).

A relação entre mídia e Jogos Olímpicos é tão intrínseca que a Carta Olímpica de 1930 já previa a cobertura por fotografia e cinematografia das atividades esportivas. A regra XXVII, “A obtenção de fotografias e imagens” (*The taking of photographs and cinematograph-pictures*), postula o seguinte: “A Comissão Organizadora deve tomar as medidas necessárias para fazer um registro dos Jogos por meio de fotografia e imagens em movimento, mas deve organizar e limitar estes serviços, de tal forma que eles não interfiram com a condução dos Jogos”⁶. Já a Carta Olímpica mais recente possui cinco incisos em seu artigo 48 – “Cobertura Midiática dos Jogos Olímpicos” (*Media Coverage of the Olympic Games*). Ele demonstra a evolução do pensamento sobre a mídia e o reconhecimento de sua importância.

⁶Acessível em: <http://www.olympic.org/Documents/Olympic%20Charter/Olympic_Charter_through_time/1930-Olympic_Charter.pdf>.

Dessa forma, dentro da lógica do capitalismo ocidental, os grandes eventos esportivos desempenham um papel de legitimação do país que os sedia. Em tese, a organização de eventos desse porte é a chance esperada pelas nações emergentes para mostrar seu novo papel no cenário mundial e pelas nações desenvolvidas para justificar sua relevância perene no jogo político mundial. O papel da mídia na promoção das cerimônias de abertura é justamente o foco de nossa atenção no tópico seguinte.

Cerimônias de abertura: as narrativas jornalísticas sobre a transformação e invenção de tradições

A fim de entender a dimensão da cerimônia de abertura tomaremos por base as edições do *JB* do segundo dia anterior à abertura dos Jogos até o segundo dia posterior ao seu encerramento. Logo, em cada olimpíada, pelo menos, cinco edições do periódico foram enfocadas⁷. Procuramos fundamentalmente por tradições inventadas (cf. HOBBSAWM, 2007), pela influência dos *media* na publicização deste rito inaugural, pelo aumento do interesse nesses preparativos e na cerimônia em si e pelas continuidades e rupturas que consolidam o rito no imaginário simbólico dos espectadores. A seção de esportes do Jornal foi o *locus* principal de observação.

É válido mencionar que o Brasil esteve representado em quase todas as edições das Olimpíadas de Verão desde 1920 (Antuérpia) até hoje, com exceção de Amsterdã em 1928. Essa ausência do Brasil nas primeiras duas décadas de disputa pode ter influenciado a cobertura jornalística sobre o evento.

Assim, em 1896, o *JB* dedicava amplo espaço a cobertura do turfê, porém os Jogos Olímpicos passavam despercebidos na pauta esportiva do periódico. As notícias olímpicas apareciam principalmente na capa do jornal, como ocorreu, por exemplo, na edição de 06 e 07 de abril (segunda e terça-feira), em que uma nota da agência Havas dava conta do início dos Jogos:

Grecia [título]. Os Jogos Olympicos [subtítulo]. Athenas, 6. [local, dia] – Começaram aqui os tradicionais jogos olympicos, que despertam, como de costume, o maior interesse. A família real assiste a elles. É considerável o número de estrangeiros que affluiram a esta capital, attrahidos por essas festas.⁸

⁷ Salientamos que não respeitamos totalmente essa determinação de *corpus*. Até Amsterdã-1928, a data oficial de abertura dos Jogos (extraída do site do COB) nem sempre coincidia com a data de sua inauguração (isso se deve ao fato de alguns esportes terem início antes da abertura oficial das Olimpíadas). Sendo assim, tivemos de procurar pela expressão “jogos olympicos” em todo acervo do *JB*, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, para encontrar informações sobre a cerimônia de abertura.

⁸ Estamos mantendo aqui a grafia original das palavras, da forma como aparecem no periódico.

Interessante notar o uso de algumas palavras como “tradicionais” e “costume” que associavam os Jogos a algo recorrente e perene, o que não o era, visto que estava apenas em sua primeira edição. Mais sentido seria enfatizar a novidade, o ineditismo e a curiosidade dos espectadores. Duas explicações podem ser avultadas para isso: 1) a nota tratava os Jogos Modernos como mera continuação, após um hiato milenar, dos antigos Jogos Gregos; 2) havia a intenção de revestir os Jogos de uma aura de tradição para atrair torcedores e aficionados pelo esporte.

Desde sua primeira edição parece que os organizadores dos Jogos tinham consciência do papel desempenhado pelo evento de abertura. Recentemente, o manual técnico de cerimônias, fornecido pelo COI às cidades-sede, cumpre o propósito de deixar clara a função desse momento e a importância de bem realizá-lo:

A Cerimônia de Abertura é o único evento que introduz os Jogos, o País Anfitrião, as mensagens icônicas, e o povo que define esse momento especial na história. Uma bem-sucedida Cerimônia de Abertura gera uma resposta positiva da mídia nos críticos primeiros dias dos Jogos. Geralmente, uma Cerimônia de Abertura bem-vista define o tom dos Jogos que ecoa ao longo dos dias seguintes de competição. (p. 16, tradução nossa)⁹

Nos Jogos de Paris/1900, a seção de “Sport” do *JB* continuava a ser quase unicamente dedicada ao turfe. As notícias que chegavam de Paris ocuparam boa parte da capa (continuando, inclusive, na segunda página) da edição do dia 13 de maio¹⁰, porém o foco de atenção estava na abertura da Exposição Universal. A realização concomitante dos dois eventos foi prejudicial à divulgação dos Jogos Olímpicos, que usufruíram de menos espaço na mídia. O nome do evento olímpico naquele ano também pode ter contribuído para isso: “Concurso Internacional de Exercícios Físicos e de Esportes”. Em todo ano de 1900 encontramos apenas uma referência ao início das contendidas olímpicas: “Paris, 16. – Por iniciativa do sr. barão de Camberlain foram inaugurados os jogos olympicos. A elles concorrem setenta francezes e cinquenta estrangeiros” (*JB*, 16/05/1900, capa).

St. Louis (EUA), 1904, optou pela mesma estratégia de Paris e realizou as Olimpíadas ao mesmo tempo em que sediava a Feira Universal. Da mesma forma que nas duas edições anteriores, o *JB* parecia negligenciar o evento no período que escolhemos para análise. A Feira, por sua vez, foi noticiada na capa do dia 03 de julho. A seção de “Sport” (ou “Vida Sportiva”) do jornal preocupava-se mais com as notícias referentes ao turfe, ao

⁹ Disponível em: < http://www.gamesmonitor.org.uk/files/Technical_Manual_on_Ceremonies.pdf >. Acesso em: 09 jul. 2014.

¹⁰ Cerca de metade da página estava, no entanto, ineleável, devido aos borrados sobre a letra impressa. No que conseguimos entrever parecia não haver menção aos Jogos Olímpicos.

ciclismo, ao futebol, à esgrima, ao remo, à corrida de pombos, dentre outros. Ao procurar, todavia, por “jogos olympicos” no ano de 1904, encontramos uma referência: “New York, 31. – Realizaram-se hoje em Saint-Louis, os Jogos Olympicos *que constavam do programa da Exposição* [...] Os jogos correram muito animados” (*JB*, 01/09/1904, p. 3, grifos nossos). Parece-nos que houve, após uma primeira edição com certa repercussão, uma queda de importância das Olimpíadas na pauta do *JB*.

Os preparativos para a 4ª Olimpíada da Era Moderna, todavia, ocuparam mais espaço no periódico carioca. No dia 26 de junho de 1904, por exemplo, percebe-se que os Jogos começavam a congregar eventos paralelos ao seu redor, ao contrário do que ocorreu nas duas edições anteriores quando foi eclipsado pelas Exposições Universais: “Roma, 25. Por ocasião das festas da 4ª Olympiada, a celebrar-se em Roma, no anno de 1908, projecta-se inaugurar nesta capital uma exposição do Sport Athletico e um Congresso Internacional de Educação Physica” (p. 6)¹¹.

Mais uma vez, não encontramos indícios do início dos Jogos no período estabelecido como *corpus* – de 25 a 29 de abril de 1908. Em 17 de julho, porém, a notícia “O grande certamen universal” continha a seguinte informação:

Inaugurou-se a 14 do corrente, conforme notícias telegraphicas publicadas, em Londres, com a assistência do Rei Eduardo VII, da Rainha Alexandra, da Princesa Victoria, de quase todas as pessoas da Família Real, dos Soberanos da Grécia e Noruega, do Príncipe Herdeiro da Suecia, dos membros do Corpo Diplomados e de altas personagens, o grande *certamen* dos jogos olympicos, no *stadio* da Exposição Franco-inglesa, diante de uma concorrência de mais de 25.000 pessoas [...] (*JB*, 17/07, 1908, p. 12, grifos do jornal).

Ressaltamos a importância dada às personalidades presentes, provenientes primordialmente da realeza europeia, bem como ao público presente no estádio, que garantia a legitimidade tanto do evento quanto do país que o abrigava. O interesse criado em torno das Olimpíadas era evidente, o que nos permite incluí-la na seara dos eventos de repercussão global da época. Essa associação recorrente entre olimpismo e realeza encontra justificativa nas fontes de financiamento dos Jogos nessas primeiras décadas de sua recriação:

Além disso, para garantir a vocação internacionalista dos Jogos, Coubertin pressupunha a neutralidade do campo esportivo. Portanto, ele defendia a independência dos Jogos em relação a governos nacionais. Por isso, em princípio, era preciso contar com o patrocínio de monarcas e aristocratas, que deviam se responsabilizar por boa parte do financiamento do evento. Também era preciso cobrar o ingresso do público, para afastar uma massa de espectadores indesejados. E cada delegação custeava seus gastos com a viagem (PRONI, 2008, p. 7).

¹¹ Ao contrário do que diz a matéria, contudo, os Jogos de 1908 foram realizados em Londres.

Em 1912, houve um aumento exponencial da atenção delegada aos Jogos, que se realizavam naquele ano em Estocolmo (Suécia), bem como um resgate da memória olímpica moderna, de certa forma esquecida nos anos anteriores. O aspecto nobre que impregnava o ambiente olímpico nota-se igualmente na cerimônia de abertura, quando coube novamente a um rei, dessa vez da Suécia, o papel de porta-voz do discurso oficial que declarava iniciada as competições:

Stockolmo, 6 (H). - O Rei Gustavo V inaugurou hoje, no Stadium, com toda a solenidade, o concurso internacional de Jogos Olympicos. A grande multidão que enchia o local aplaudiu entusiasticamente a abertura desse certamen, fazendo delirante ovação ao Soberano (*JB*, 07/07/1912, p. 19).

Antuérpia, cidade localizada na Bélgica, recebeu os Jogos Olímpicos de 1920 após o hiato de oito anos causado pela 1ª Grande Guerra Mundial. Grande atenção foi dispensada a construção do estádio olímpico no país, porém as informações mais uma vez não estavam presentes no *corpus* de investigação. Em uma nota publicada no espaço destinado às notícias sobre o cenário internacional, lemos a seguinte informação: “Antuérpia, 9 (A.P.) – Acha-se quasi terminado o Stadium para os Jogos Olympicos. A inauguração realizar-se-á no dia 8 ou 9 do mez próximo” (*JB*, 10/04/1920, p. 7). Em dois momentos do dia 11 de agosto (páginas 7 e 11), a cerimônia de abertura foi descrita. Reproduzimos abaixo um trecho importante:

Antuérpia, 14 (U.P.) – Urg. – O Stadium dos Jogos Olympicos foi inaugurado hoje. Suas Majestades o rei Alberto e a rainha Elisabeth e outros membros da Família Real da Bélgica assistiram ao acto. Inaugurou o programma uma parada gigantesca na qual tomaram parte os melhores atletas de 32 nações. O team brasileiro foi collocado perto da testa da collumna. Quando os atletas passavam perto do Pavilhão Real, Sua Majestade o rei Alberto viu as insígnias Verde e Ouro do Brasil e concedeu aos atletas vestindo as cores brasileiras um signal especial de cortezia, saudando-os (*JB*, 15/08/1920, p. 11).

A imprensa internacional usufruiu de um espaço especial para cobrir as provas esportivas e a cerimônia inaugural, o que pode ser interpretado como um reconhecimento da importância da mídia na popularização do acontecimento: “O comitê executivo dos Jogos Olympicos vae installar para uso dos jornalistas e dos correspondentes estrangeiros uma estação telephonica e telegraphica” (*JB*, 27/02/1920, p. 9). Era por meio do telégrafo, aliás, que os jornais brasileiros recebiam as notícias das agências estrangeiras.

Paris abrigou os VIII Jogos Olímpicos da Era Moderna. Na França, um Estado republicano, coube ao presidente o papel central na cerimônia de abertura dos Jogos. A seção de esportes do periódico apresentou notícias relacionadas aos Jogos (o que não vimos em 1920). No dia 06 de fevereiro de 1924, é descrita a cerimônia de abertura, bem como a nova

bandeira do COI (os cinco arcos representativos dos cinco continentes). Sobre a primeira, percebemos mais uma vez reminiscência das cerimônias anteriores e uma forma de narração jornalística que privilegia as etapas do ritual de abertura. Há pouco espaço para fatos novos, uma vez que um dos atrativos dessa celebração está justamente em suas repetições, na certeza da continuidade mesmo em um mundo em constante mudança. Destacamos a similaridade crescente entre o que jornal relata sobre a cerimônia e a forma como ela se realiza atualmente:

A cerimonia da inauguração dos Jogos se effectuará no dia 5 de Julho e obedecerá às formulas usuas. Às 14 horas chegará o Presidente Millerand que será recebido à porta do stadium primeiro pelo Barão Pierre de Coubertin, Presidente do Comitê Olympico Internacioal, que lhe apresentará seus collegas e em seguida pelo Conde Clary, Presidente do Comitê Olympico Francez, que igualmente apresentará seus companheiros. Os dois comitês conduzirão então o chefe da nação à tribuna de honra, onde o saudará a “Marselheza”. Começará então o desfile dos atletas. Cada contingente virá precedido de um designado para representar o nome do paiz pelo pavilhão nacional respectivo. O desfile obedecerá a ordem alfabética e, depois, de uma volta no stadium, elles se disporão em grupos com as suas respectivas bandeiras à frente, dando frente para a tribuna de honra. Os comitês internacionais e francez formarão um semi-cículo defronte da tribuna e, depois de um breve discurso do Conde Clary, o Presidente Millerand abrirá os jogos com estas simples palavras: “Declaro abertos os jogos olympicos de Paris, que celebram a oitava olympiada da era moderna”. Os clarins entoarão, então, uma marcha, os canhões troarão e o pavilhão olympico será hasteado. Um bando de pombos, tendo cada um ao pescoço uma fita com a cor de cada um dos países representados subirá aos ares, que resoarão ao mesmo tempo com as vozes de um côro a entoar uma marcha. Depois de haverem prestado o juramento, os atletas desfilarão para fora do stadium, tendo então início as primeiras provas. (*JB*, Diário Desportivo, capa, 06/02/1924).

No mais recente protocolo oficial da cerimônia de abertura, cuja última atualização data de 02 de dezembro de 2013, são mencionadas as seguintes etapas: 1) entrada do chefe de Estado; 2) reprodução do hino nacional do país-sede; 3) o desfile dos atletas; 4) a libertação simbólica dos pombos; 5) a abertura dos Jogos pelo chefe de Estado; 6) levantamento da bandeira olímpica e reprodução do hino olímpico; 7) a prestação do juramento olímpico por um atleta, seguido por um juiz e logo depois um treinador; 8) a chama olímpica e o revezamento da tocha; 9) o programa artístico ¹². Muitas delas, como vemos, já se reproduziam em plena década de 1920.

Em Amsterdam/1928, a aura nobre retorna aos Jogos, após um breve intervalo, graças à presença da família real holandesa nos rituais olímpicos. Em 07 de março, lemos o seguinte trecho no *JB*: “Espera-se que a herdeira do throno da Hollanda acompanhará a rainha Guilhermina e o príncipe consorte na cerimônia de inauguração desses Jogos” (*JB*,

¹² A tradução livre é nossa. O documento completo, em inglês, pode ser acessado por esse link: <http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents_Factsheets/Opening_ceremony_of_the_Games_of_the_Olympiad.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2014.

07/03/1928, p. 14). A cerimônia inaugural em si apresentou os mesmos elementos já vistos, o que consolida o evento como um rito reencenado a cada quatro anos.

É válido salientar que até aqui o jornal fala em “inauguração”, e não em cerimônia de abertura. O fato de o relato jornalístico elevar o início dos Jogos à condição de cerimônia nos diz algo sobre a mutação pela qual o evento passou. A cada edição poucos elementos são modificados no ritual, mas a narrativa midiática orna de adjetivos uma cerimônia que por si só já é extremamente ritualizada. Há, a nosso ver, uma tentativa de naturalizar elementos da cerimônia de abertura, que, na verdade, foram historicamente construídos.

Em Los Angeles, 1932, a cerimônia de abertura foi realizada no período estabelecido para o nosso *corpus*, o que significa que coincidiu, enfim, com a data oficial presente no site do COI. Em 28 de julho (*JB*, p. 18), na coluna sobre as “Olympiadas de Los Angeles”, lemos sobre o interesse dos atletas brasileiros em participar da “festa de abertura”, o que demonstra a consolidação desse momento como uma etapa importante da vivência olímpica, onde o esportista podia exibir-se perante os espectadores, a imprensa e autoridades políticas. No dia 31 de julho, é noticiada a abertura das Olimpíadas ocorrida no dia anterior. O título é evocativo do conteúdo da matéria: “Foi hontem inaugurada a grande competição esportiva mundial”. O espaço dedicado à descrição do cerimonial foi considerável, o que resultou em mais detalhes sobre o evento em si. No trecho abaixo, sublinhamos o uso inédito da palavra “espetáculo” para definir o cerimonial:

Los Angeles, 30 (U.P.) – Revestiu-se de imponência verdadeiramente extraordinária a cerimônia da abertura da Décima Olympiada, presenciada por uma multidão que encheu a cunha o grande estádio da cidade. O *impressionante espetáculo* começou pelo coro olympico, entoado por milhares de vozes, seguindo-se o concerto das bandas de música, que atacaram marcialmente os hymnos nacionaes de cada paiz representado nos jogos [...] (*JB*, 31/07/1932, p. 25, grifos nossos).

Nos quatro anos que antecederam as Olimpíadas de 1936, muitas foram as matérias que enfocaram a preparação da Alemanha para receber o evento, com destaque para a construção da “Aldeia Olímpica” – habitações para os atletas (*JB*, 07/12/1935, p. 10) – e a “corrida de estafetas” – o revezamento da chama olímpica de Olímpia a Berlim (*JB*, 08/12/1935, p. 22). Cogitamos que atenção se deva ao empenho que os alemães dedicavam aos Jogos, algo até então não visto. A preparação incluía um esmero especial com o que seria apresentado na cerimônia de abertura: “O *espetáculo* que abrirá os XI Jogos Olímpicos de Berlim, no dia 1 de agosto de 1936, terá 10.000 executantes, sob a direção do Dr. Hanns Niedecken-Gebhardt” (*JB*, 01/09/1935, p. 12, grifos nossos). A Alemanha de Hitler estava preocupada em transmitir uma

imagem agradável, respeitosa e hospitaleira ao público internacional. Roberto DaMatta, nesse sentido, considera as cerimônias de abertura e encerramentos como “ritos universalistas”: “grandes rituais que dramatizam coletividades” (2006, p. 191). Isto é, para além de ser visto pelo mundo, há uma grande preocupação em *como* ser visto.

Não poucas vezes o epíteto utilizado pelo discurso jornalístico fora: “A grande Olimpíada de 1936 na Alemanha” ou “Notas sobre a grande Olimpíada de 1936, em Berlim” ou ainda simplesmente “A Grande Olimpíada de Berlim”, o que revela a proporção magnânima adquirida pelo evento – a mídia parece ser responsável por dimensionar o tamanho do evento. Outro parâmetro para medida da grandiosidade da cerimônia de abertura era o tamanho do estádio e, por conseguinte, o público nele presente. Em 1936, Hitler deixava claras suas intenções para o renovado Estádio de Grunewald: “A Alemanha ha de ter um estádio como não se vê igual no planeta” (*JB*, 22/03/1934, p. 24).

Os Jogos de Berlim são entendidos também como um marco na produção da cerimônia de abertura, principalmente, por criar o revezamento da tocha olímpica, que, após ser acesa na Grécia, mais precisamente em Olímpia, devia percorrer outros países até chegar ao estádio no dia da abertura. Disputados no contexto entre guerras, as Olimpíadas daquele ano presenciaram também o nacionalismo exacerbado na disputa das provas e até mesmo no desfile de abertura onde muitas delegações de atletas desfilaram a moda dos exércitos em marcha, empunhando símbolos, brasões e cores nacionais¹³.

No campo midiático, as notícias sobre os próprios meios de comunicação começavam a pautar a cobertura do *JB*, que deu destaque a massiva presença de jornalistas em Berlim (*JB*, 01/09/1936, p. 33), bem como à inédita cobertura televisiva (*JB*, 01/03/1936, p. 22). Sobre a cerimônia de abertura em si não houve um relato pormenorizado (*JB*, 02/08/1936, p. 15). Acerca das composições musicais para a cerimônia inaugural afirmava-se que: “É um espetáculo como o fundador dos jogos olímpicos, Barão Pierre de Coubertin, sempre desejou para inaugurar as festas das olimpíadas” (*JB*, 01/09/1935, p. 12).

Londres foi a cidade escolhida para abrigar a XIV Olimpíada da Era Moderna. Os Jogos que fecharam a primeira metade do século XX contaram com o maior número de atletas até então (4.104, sendo 3.714 homens e apenas 390 mulheres), bem como o maior número de nações participantes (59)¹⁴.

¹³ Essas e outras cenas dos Jogos podem ser revisitas assistindo o primeiro filme dedicado exclusivamente para Berlim/1936: *Olympia*, da cineasta alemã Leni Riefenstahl.

¹⁴ Fonte: < <http://www.olympic.org/london-1948-summer-olympics>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

Coube ao rei inglês a função de decretar o início dos Jogos: “Londres, 8 – (Reuters) – O Rei Jorge VI inaugurará os Jogos Olímpicos em Wembley no dia vinte e novo de julho, ao que se anunciou hoje oficialmente nesta capital” (*JB*, 09/04/1948, p. 9). No dia da abertura a matéria sobre o episódio expõe a relevância da cerimônia, colocada acima das próprias competições atléticas, e a repetição de suas tradições:

Centro Olímpico de Richmond, 28 – (De Robert Downson, da U.P.) – *Nenhuma das provas que terá lugar aqui superará em colorido e grandeza as cerimônias de inauguração das Olimpíadas de Londres, a serem iniciadas aqui, amanhã.* Na realidade os jogos terão início na sexta-feira, data em que serão assistidas várias eliminatórias. Calcula-se que nada menos de 80.000 pessoas ficarão aguardando a chegada do Rei Jorge, que será acompanhado ao camarote real pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional. [...] Em seguida soarão as trombetas e será disparada uma salva. Isto se dará quando o último portador da tocha olímpica entrar no Estádio do Império pela porta oriental. A chama olímpica arderá durante todo o tempo de celebração dos Jogos. Nessa altura do espetáculo será içada a bandeira olímpica e serão postos em liberdade pombos aos milhares (*JB*, 29/07/1948, p. 9, grifos nossos).

Ressaltamos, por último, que as cerimônias de abertura nunca foram apenas desfiles das delegações dos países participantes. Eram, sim, eventos introdutórios dos Jogos e que possuíam um protocolo singular, sendo aguardados pela mídia e pelo público com ansiedade. Essa grandiosidade e dinâmica próprias nos fizeram interpretar essa celebração inaugural como um grande evento que está incluído no megaevento olímpico.

Epílogo

O desfile das nações na abertura dos Jogos teria começado a ocorrer realmente, segundo Pivato (1994, p. 155), apenas em Estocolmo-1912, o que não nos impediu de investigar, neste artigo, como era narrado esse episódio no período anterior. Conjecturamos que reunir todas as delegações participantes em um desfile sucessivo de pavilhões, bandeiras e nacionalidades triunfantes possui inegável apelo tanto para o público presente quanto para as narrativas produzidas pela mídia. Ao longo dos anos, novos elementos foram somados à marcha dos atletas, como coreografias dançantes e encenações teatralizadas, que auxiliaram na fundação e fortalecimento dessa dramatização simbólica. Lembremos que houve uma mudança de termos para designar o mesmo evento – inauguração, cerimônia e espetáculo –, o que por si só já é um indicativo de maior atribuição valorativa.

Desde o início de nossa análise, em 1896, observamos como as cerimônias de abertura possuíam a pompa e a circunstância que caracterizam um evento de aspirações globais. Era um encontro da realeza europeia diante dos espectadores populares – até 1948, reis e príncipes abriram seis das onze edições. Nesse contexto, há um reforço das

hierarquias, sinalizando claramente quem dá início a festa (as autoridades presentes) e a quem cabe apenas assisti-la – o esporte mimetiza o cenário presente na sociedade.

Foi ainda na primeira metade do século XX que foram criadas a maior parte das tradições que inventaram o rito inaugural dos Jogos Olímpicos como o conhecemos hoje. Acreditamos que desde então a cerimônia de abertura é, de fato, um megaevento, que conta com atletas de diferentes países (já em Londres-1908 tínhamos 2.008 esportistas participantes), altera a rotina da cidade-sede, devido ao afluxo de turistas, e influencia a opinião pública internacional sobre o país anfitrião. Após 1950 cresceu exponencialmente a reverberação midiática, com a popularização de novas mídias, como a TV e a internet. A “festa” deu lugar ao “espetáculo” nesse espaço de meio século. Cada nação-sede passa a ter, assim, a obrigação implícita de superar o evento de quatro anos antes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p 136-153.

_____. **Sobre a televisão**. Seguido de A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 121 – 126.

DAMATTA, Roberto. **A Bola corre mais que os Homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 135 – 209.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREITAS, Ricardo. Rio de Janeiro, lugar de eventos: das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos. In: Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011, pp. 1- 12.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectivas, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. Desenvolvimento. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (Orgs.). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, pp. 27-40.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda. Introdução. In: **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, pp. 17-24.

PIVATO, Stefano. **Les enjeux du sport**. 1ª Ed. Firenze: Casterman-Giunti Gruppo Editoriale, 1994.

PRONI, Marcelo Weishaupt: A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, n. 9, Jul 2008 / Out 2008.

RIAL, Carmen: Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica** (UFF), Niteroi, v. 14, n.2, p. 61-80, 2003.